REFERÊNCIAS

ARELARO, L. R. G.; JACOMINI, M. A.; KLEIN, S. B. O ensino fundamental de nove anos e o direito à educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 35- 51, jan./abr. 2011.

CORREA, B. C. Educação infantil e ensino fundamental: desafios e desencontros na implantação de uma nova política. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 105-120, jan./abr. 2011.

DOCUMENTO DE REFERÊNCIA CURRICULAR: Concepções, Educação

Infantil, Ensino Fundamental Anos iniciais e finais- Prefeitura de Lucas do Rio Verde, Secretaria Municipal de educação. Mato Grosso, 2019.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011. LIBÂNEO, Carlos José; PIMENTA, Selma Garrido. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança, In: PIMENTA,Selma Garrido (Org.). Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas. 2.ed.

São Paulo: Cortez, 2006. p. 11- 98.

VYGOTSKY, L. S. A questão do meio na pedagogia (Vinha,M. P, Trad.).

Psicologia USP, 21(4). (Trabalho original publicado em 1935). 2010.

O CINEMA EM SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

ISABELA IACONA ALVES

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a relação entre cinema e educação, explicitando a articulação das propostas pedagógicas com os currículos, público-alvo e objetivos de aprendizagem. O cinema pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, pois conduz o aluno à reflexão, relacionando os aspectos reproduzidos na arte com sua própria realidade. Existe uma clara imbricação entre cinema e educação, o estímulo audiovisual faz parte da vida de muitos estudantes, por isso utilizá-lo em sala de aula é uma oportunidade de romper com modelos convencionais de sala de aula. A pesquisa não desconsidera a desigualdade social brasileira, ressaltando a necessidade de atuação do Poder Público para criar melhores espaços para apreciação da sétima arte nas escolas, e o papel fundamental que a escola tem como instituição cultural e social, a fim de criar condições para que o aluno seja inserido nesse universo.

Palavras chaves: Cinema; Educação; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta “O cinema como ferramenta pedagógica nas escolas”.

A importância da pesquisa está em rever e analisar a relevância do cinema na formação cidadã, não desconsiderando a indubitável desigualdade social brasileira, e refletindo sobre a necessidade de proporcionar a todos os alunos a apreciação da arte.

O cinema oferece potencialidades para conduzir à reflexão, a partir de problematizações para desenvolver ações efetivas que façam a criança, o jovem e o adulto pensarem o mundo, relacionando os aspectos reproduzidos com sua própria realidade.

O objetivo do artigo é apresentar a relação entre cinema e educação, evidenciando de que maneira as propostas pedagógicas precisam estar alinhadas aos conteúdos artísticos com os eixos articuladores dos currículos, com a definição do público-alvo e com os objetivos de aprendizagem, que necessariamente devem estar bem determinados, para que a construção de saberes se efetive. É missão constante do docente buscar novas possibilidades para que a educação atinja seu propósito.

O presente trabalho apresenta inicialmente uma breve contextualização sobre o surgimento do cinema, discorrendo sobre as primeiras exposições da arte, os tipos de equipamentos utilizados e locais de apresentação, os avanços tecnológicos ao longo do tempo e a chegada da sétima arte ao Brasil.

Na sequência, aborda a relação intrínseca entre cinema e educação. Nos dias atuais, as novas tecnologias são apresentadas às crianças cada vez mais cedo, e é comum ver crianças ainda não alfabetizadas mexerem nos aparelhos com bastante aptidão. Nesse cenário, o cinema já faz parte da realidade de muitos estudantes, por isso utilizá-lo como ferramenta pedagógica é uma oportunidade de romper com modelos convencionais de sala de aula, contribuindo para que suas várias possibilidades de utilização auxiliem no sentido de favorecer as aprendizagens, proporcionando também criticidade e reflexão.

Por fim, a pesquisa expõe a introdução do cinema nas propostas pedagógicas. Há de considerar os fatores que não estão nas mãos dos docentes, como a ausência de ação do Poder Público para subsidiar o trabalho dos educadores, já que muitas escolas não possuem espaços aparelhados ou títulos adequados. Este último capítulo também cita a necessidade por parte dos professores em refletir sobre os objetivos antes da escolha da abordagem e do filme.

Para a realização do estudo, foi feita uma ampla pesquisa bibliográfica através de livros e artigos, que serviram como base para a explanação acerca de como os estímulos audiovisuais e exploração do imaginário podem apoiar o professor em sua jornada educacional.

1. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O SURGIMENTO DO CINEMA

De acordo com Duarte (2009, p. 24), a história do cinema é longa, diversificada, e dotada de complexidade. Sendo assim, este capítulo se propõe a apresentar alguns aspectos relevantes, que apontam uma contextualização histórica sobre o tema.

Nascido durante a Belle Époque, um período de euforia com o progresso industrial, especialmente na Europa e em parte dos Estados Unidos, o cinema não foi a única grande de invenção do período. Telefone, automóvel, avião, locomotiva a vapor e bondes elétricos são apenas alguns exemplos de inventividades que mudaram a vida das pessoas.

Segundo Mascarello (2014, p.17), os aparelhos que projetavam os filmes eram apenas mais uma dentre as invenções surgidas no final do século XIX, e que despertavam a curiosidade das pessoas. As exibições aconteciam nos círculos de cientistas, exposições e junto com outras formas de entretenimento, como circos e parque de diversões. O autor afirma ainda que o cinema não teve um descobridor específico. As ferramentas necessárias para sua invenção tiveram diferentes origens, por isso, uma soma de fatores técnicos, ocorrida no final do século XIX, fez com que inventores começassem a exibir os resultados de seus trabalhos, tais como: aprimoramento das técnicas de fotografia; uso de métodos mais precisos para confecção de aparelhos de projeção; e a criação do celuloide, com o objetivo de projetar imagens em movimento.

Sobre o tipo de imagens que eram captadas, Duarte (2009, p. 22), acrescenta que:

No início do século XX, centenas de aparelhos semelhantes captavam imagens em movimento nos locais mais inusitados. Eram imagens 'documentais', registros de situações cotidianas, vistas, paisagens, hábitos e costumes de civilizações distantes, geográfica e culturalmente, umas das outras. (DUARTE, 2009, p. 22).

Os primeiros filmes foram exibidos em 1893, com o auxílio de um mecanismo intermitente, quando nos Estados Unidos, Thomas Alva Edison registrou a patente de um aparelho, cujo nome é quinetoscópio, e em 28 de dezembro de 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumierè fizeram uma demonstração comercial de seu cinematógrafo, na cidade de Paris. A apresentação feita pelos Lumierè não foi a primeira pública e paga, pois dois meses antes, os irmãos Emil e Max Skladanovsky realizaram uma demonstração de 15 minutos do bioscópio, nome do recurso que utilizavam para projetar seus filmes, em um teatro de Berlim. (MASCARELLO, 2014, p. 18-19).

Detalhando a exibição feita pelos irmãos Lumierè, Costa (2006) apud Reina (2019, p.23), explica que a programação contou com dez filmes, com duração de até 4 minutos cada, e ao assistir o filme A chegada do trem à estação de Ciotat, os espectadores, que aguardavam ansiosamente, ficaram confusos com a imagem em movimento, alguns até abandonaram o local, pensando que se tratava de um trem real.

De acordo com Sadoul (1963, p. 13-14) apud Reina (2019, p. 25), desde 1888, foram inúmeras as apresentações públicas de forma casual, além de projeções em laboratórios. Em 1895, as representações de cinema crescem exponencialmente. O maior êxito obtido foi dos irmãos Lumierè, na França, mas vale destacar que os realizadores das exibições geralmente não se conheciam, e por esse motivo, o debate sobre a invenção do cinema é um tema controverso.

Nos dias atuais, o cinema é reconhecido com a sétima arte, depois da arquitetura, escultura, pintura, música, dança e literatura. Segundo Aristarco (1961, p. 211) apud Figurelli (2013, p. 116), isso se deve a um homem chamado Ricciotto Canudo (1879-1923), italiano, de formação francesa, que possivelmente foi o iniciador da teoria cinematográfica, e classificou o cinema como "arte plástica em movimento".

Se hoje o cinema é concebido como forma de arte, é importante ressaltar que nem sempre foi assim. De acordo com Reina (2019, p. 36), é possível afirmar que o cinema, quando do seu surgimento, era entendido apenas como entretenimento, algo voltado para o grande público, com o objetivo exclusivo de gerar lucro, sem nenhuma pretensão de ser concebido como arte, e também sem nenhum compromisso com a formação cultural humana.

A conotação artística ocorreu com o passar tempo. Um gênero específico e a abordagem temática contribuíram para mudar essa visão, conforme menciona Reina (2019, p. 168):

Apesar de ter sua origem ligada ao entretenimento, com o passar dos anos, o

cinema foi consolidando-se com uma forma de arte. Um dos elementos que nortearam e auxiliaram a construção dessa visão foi a produção de documentários. Esses filmes com finalidades de crítica da realidade social caracterizam-se por um conceito bastante antigo que remonta aos primórdios do cinema, mas que foi aperfeiçoado ao longo das décadas de evolução da sétima arte." (REINA, 2019, p. 168).

Segundo Mascarello (2014, p. 17), os aparelhos que projetavam as imagens fílmicas de 1895 a 1915, apresentaram incessantes transformações. A mudança, trazendo estabilidade ao setor, somente ocorreu com os clássicos de Hollywood, entre o ano de 1915 e a década de 1950, período de início da televisão.

No Brasil, os aparelhos de projeção chegaram entre 1896 e 1898. Curtametragens que retratavam a atualidade e as paisagens, e longa-metragens de ficção foram gravados entre 1908 e 1911. As salas de exibição do Rio de Janeiro eram lotadas de espectadores, que assistiam dramas, revistas musicais, e especialmente reconstituições de crimes que eram de conhecimento público. Mas durante a segunda década do século XX, os filmes importados dominaram o país, e o cinema nacional demoraria a se reerguer. Clássicos do cinema mudo surgiram a partir de meados da década de 1920. 1937 é um ano importante para o país, dado que é fundado pelo então presidente, Getúlio Vargas, o Instituto Nacional de Cinema Criativo – INCE, que tinha o objetivo de incentivar os filmes nacionalistas, que valorizassem a cultura brasileira. O chamado 'Cinema Novo' e o 'Cine Marginal' surgem entre o final da década de 1950 e meados dos anos 1970, com grandes diretores, que trabalharam com escassos recursos financeiros, mas mesmo assim, produziram trabalhos marcantes. As décadas seguintes foram marcadas por estabilidade e fortalecimento do cinema nacional, com nova queda a partir de 1990. Em meados dos anos 1990, o cinema brasileiro renasce, em virtude da criação de leis de incentivo fiscal, com produções criativas, mostrando a diversidade, e que garantiram ao país, o reconhecimento internacional. (DUARTE, 2009, p. 28-32).

2. A RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO

"É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e o filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas." (DUARTE, 2009, p. 16).

As inovações tecnológicas da modernidade trouxeram ao mundo novas formas de vida. Os recursos disponíveis são os mais diversos, evoluem de maneira acelerada, e muitas crianças já crescem nesse cenário, por isso é comum vê-las mexendo em aparelhos, como smartphones e tablets, com extrema habilidade, e antes mesmo de ser alfabetizadas.

Segundo Silva (2019, p. 2), o fato das crianças nascerem num ambiente com tantas tecnologias exige a compreensão por parte dos educadores de que essa é uma realidade intrínseca à infância atual. Em função disso, é preciso pensar em formas de incorporar as novas tecnologias à educação, aproveitando as ferramentas disponíveis, de modo a favorecer as aprendizagens.

Diante das múltiplas ferramentas disponíveis para utilização em sala de aula, o cinema mostra-se um instrumento exequível, que auxilia na problematização dos conteúdos. Importante ressaltar que ele já está inserido na vida de grande parte dos educandos, e que rompe com práticas pedagógicas tradicionais.

São muitas as imbricações entre cinema e educação, conforme explica Fresquet (2013, p. 9):

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. A tela de cinema (ou visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, do sistema) e com si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades. (FRESQUET, 2013, p. 9).

De acordo com Duarte (2009, p. 68), dentro do processo de aprendizagem é necessário investigar e compreender de que forma os saberes produzidos com o cinema se articulam com o conhecimento adquirido através das atividades escolares e acadêmicas. Essa compreensão possibilita que a linguagem audiovisual e a escrita sejam utilizadas de forma mais produtiva e eficiente.

Segufresqindo Almeida (2001, p. 48) apud Napolitano (2011, p. 12), a inserção do cinema no contexto educacional é essencial, pois essa atitude leva para o aluno algo que lhe é negado, e que pode converter a escola num espaço diferente, mais vívido, como instituição introduzida na cultura, e não apenas que reproduz saberes massificados, muitas vezes, deteriorados e obsoletos.

Entende-se que o cinema, ainda que na sua autonomia como arte, deve ser tomado como produto cultural de relevância no

processo de socialização, não sendo possível analisar os conteúdos fílmicos separadamente dos setores que os produzem, como os da economia, da política, das ciências e das técnicas e das outras artes. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, apud NETO, 2005, p. 2).

Analisar os filmes considerando os setores que o produzem evidencia situações práticas que o aluno, cidadão partícipe da sociedade, vai se deparar em seu cotidiano. O cinema é uma expressão de arte, mas que não pode ficar alheio à outras questões, que fazem parte da realidade dos educandos.

Escola é lugar de socialização, de estabelecer relações humanas, de ter a oportunidade de deparar-se com o outro e suas especificidades, de aprender a conviver de maneira respeitosa. Para muitos alunos, o contexto escolar é o único local que proporciona isso. O cinema apresenta realidades de forma ficcional, mas sua linguagem traz ao aluno um impacto para pensar o mundo real, e muitas vezes esse mundo é própria vida.

3. INTRODUZINDO O CINEMA NAS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

A introdução do cinema nas propostas pedagógicas depende de diversos fatores, que não são exclusivamente ações docentes. Para possibilitar que essa importante ferramenta faça parte do âmbito escolar, é necessária a existência de espaços e recursos que subsidiem o trabalho dos educadores. Além da ação do Poder Público, a participação da gestão da escola, com diretores e coordenadores que reconheçam a relevância do papel exercido pela arte, é fundamental.

É preciso reconhecer que muitas famílias têm o acesso à arte negado, pois muitas localidades não dispõem de equipamentos públicos, como centros de cultura e lazer adequados. Assim, a escola torna-se a única instituição que proporciona ao aluno o direito de acesso a essa inclusão. A escola não pode se eximir do seu papel educativo e de responsabilidade social, pensando também na redução das desigualdades.

Para realizar a escolha de um filme nas atividades escolares, o professor deve refletir sobre quais são seus objetivos, e então, preparar sua abordagem, levando em consideração fatores importantes, tais como: articulação com o currículo e com as habilidades pretendidas; preparação de um espaço que o atenda tecnicamente e de maneira a organizar a turma; adequação à faixa etária e atenção às especificidades da classe na construção de saberes. (NAPOLITANO, 2011, p. 16).

Se os domínios dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui poder em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever. (DUARTE, 2009, p. 68).

Não cabe ao professor escolher um filme e utilizá-lo apenas como forma introdutória de um tema ou ilustração de determinados assuntos. É preciso ir além, explorar o recurso audiovisual, apresentando ao aluno todos os elementos que compõem essa arte, e despertá-lo para a criticidade, para que assim, ele obtenha o domínio para fazer análises fílmicas, refletindo e relacionando o que foi abordado com a sua própria realidade.

Acerca de como introduzir a sétima arte nos conteúdos curriculares, Duarte (2009, p. 92), explica que:

[...] filme como objeto de estudo não implica negar a magia e o encantamento que eles provocam em seus espectadores. Não é preciso recusar ao filme sua condição de arte (enquanto expressão de ideias e sentimentos) para entendê-lo como um produto cultural que reflete e veicula valores e crenças das sociedades em que está imerso. Em nossas análises, assim como no uso de filmes em contexto educativo, não nos cabe despedaçá-los, destrinchá-los em fragmentos insignificantes e descontextualizados até que percam o encanto e o poder de sedução. Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam. (DUARTE, 2009, p. 92).

Aprofundado ainda mais essa questão, Alves e Macedo (2010, p. 17) apud Reina, (2019, p. 176), ressaltam que, para se atingir os objetivos de criar uma experiência crítica aos educandos, é preciso que se consolide um processo que compreenda aspectos intelectuais e morais, e isso não se produz apenas com a apresentação de um filme e um debate posterior. A apropriação dos elementos que envolvem o cinema como obra de arte requer uma ressignificação no decorrer das imagens e da narrativa fílmica.

De fato, o cinema, assim como outros recursos, possibilita propostas pedagógicas interessantes, atraentes para os alunos e que podem trazer ótimos resultados. Entretanto, Nepomuceno (2020, p. 31), ressalta que, independentemente do instrumento utilizado, as propostas devem considerar meios de contribuir para o desenvolvimento da criticidade do sujeito.

O cinema é um instrumento preciso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças, visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas. Os chamados 'filmes da escola' propiciam bons debates sobre os problemas que enfrentamos no dia a dia da atividade educacional. Como a linguagem da maioria deles é simples, de fácil compreensão e o enredo é construído de forma a torná-los acessíveis a pessoas de todas